
A comunicação do desastre via Instagram: Análise das postagens realizadas pela Defesa Civil Estadual nas inundações do Rio Grande do Sul¹

Eloisa Beling Loose²

Fabiane Sgorla³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

Este artigo analisa como foi realizada a comunicação do desastre climático que ocorreu no Rio Grande do Sul (RS), a partir de final de abril de 2024, no momento do ápice da eclosão e da resposta emergencial pelas autoridades públicas responsáveis pela sua gestão. O foco são as postagens realizadas via Instagram, a rede social mais utilizada pelos brasileiros, através do perfil da Defesa Civil do RS, nos primeiros 15 dias desde o começo das chuvas extremas. Após pesquisa bibliográfica e documental, adota-se a Análise de Conteúdo com os objetivos de: a) verificar a frequência de postagens no período; b) identificar quais informações foram priorizadas; e c) analisar de que forma elas foram apresentadas. Dentre os resultados, assinala-se que a comunicação foi frequente, feita de forma colaborativa com outras instituições do Estado, orientada para a resposta à crise, enfatizando conteúdos de alertas (sobretudo meteorológicos e de inundação).

PALAVRAS-CHAVE

Desastre Climático; Comunicação de Riscos; Comunicação da Defesa Civil; Instagram; Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

As chuvas fortes e temporais iniciaram no Rio Grande do Sul (RS) no dia 27 de abril de 2024, no Vale do Rio Pardo. Nos dias seguintes, já tínhamos alertas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) acerca do elevado volume de chuva para a metade do estado. Os estragos e perdas já eram generalizados no dia 1º de maio. A cidade de Santa Maria, na região central, registrou mais de 400 mm em apenas três dias. O Vale do Taquari, já afetado por enchentes no segundo semestre de 2023, foi inundado mais uma vez. Depois veio a cheia histórica do Guaíba e seus impactos na capital e em toda região metropolitana. A partir do dia 7 foram as cidades do Sul do estado, áreas próximas à Lagoa dos Patos, que precisaram ser evacuadas. Um mês depois, bairros de diferentes cidades seguiam inundados.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Coordenadora do Laboratório de Comunicação Climática (UFRGS/CNPq). E-mail: eloisa.loose@ufrgs.br.

³ Doutora em Comunicação, professora e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. E-mail: fabiane.sgorla@ufrgs.br.

No âmbito da gestão de riscos e desastres, a comunicação das instituições públicas se torna relevante tanto na sensibilização sobre a gravidade e urgência do problema, quanto na disseminação de orientações que possam diminuir as perdas e prevenir em relação a situações piores. Cada etapa de um evento de desastre apresenta características específicas que devem ser consideradas ao estabelecer a comunicação com as comunidades, garantindo que as informações encaminhadas sejam relevantes para a tomada de decisão dos cidadãos. A Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - PNPDEC (BRASIL, 2012) indica que os atores envolvidos nos sistemas de proteção e defesa civil, da escala nacional à local, devam adotar as medidas necessárias à redução dos riscos de desastres, porém a literatura sobre o tema aponta que os recursos e esforços comunicacionais estão destinados majoritariamente à fase de resposta ao desastre (e. g. Loose, Londe e Marchezini, 2023). Para Soriano e Hoffmann (2015), no nosso país, a comunicação de riscos ainda é bastante rudimentar, em parte devido às próprias limitações dos órgãos de proteção e defesa civil (Brasil, 2021).

Tendo em vista este cenário, o artigo busca analisar como foi realizada a comunicação da gestão dos riscos e desastres via Instagram, por parte da Defesa Civil Estadual, da inundação que ocorreu no Rio Grande do Sul. O perfil @defesacivilrs conta hoje, em julho de 2025, com 375 mil seguidores e 1.766 publicações.

Considerando o tempo alargado que foi necessário para responder ao desastre ocorrido no RS, que conviveu com diferentes temporalidades, mas que registrou situações em que regiões ficaram inundadas por até três semanas, destacamos para esta pesquisa os primeiros 15 dias, considerando de 29 de abril e a 13 de maio de 2024, no momento do ápice da eclosão e da resposta emergencial. O foco para a pesquisa empírica são todas as postagens realizadas via Instagram, através do perfil da Defesa Civil. O percurso metodológico desta investigação tem como base a abordagem qualitativa a partir das técnicas da pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2025), análise documental (Duarte, 2005) e Análise de Conteúdo (Bardin, 2014;). Nossos objetivos são verificar a frequência de postagens no período; identificar quais informações foram priorizadas e analisar de que forma elas foram apresentadas pela Defesa Civil do RS no ápice do desastre.

A escolha pelo Instagram considerou a rede social como a mais utilizada pelos brasileiros depois do WhatsApp (Digital Brazil, 2024). Além disso, o nosso País é um

dos maiores usuários de redes sociais do mundo, sendo o terceiro país que mais usa o Instagram, atrás apenas da Índia e dos Estados Unidos (Hootsuite, 2025). Escolhemos realizar a coleta de dados no perfil da Defesa Civil do RS por entender a instituição como ator-chave na gestão deste desastre, ainda que outros parceiros e instâncias participem como colaboradores no processo.

MARCO TEÓRICO

A gestão de riscos de desastre pode ser compreendida por meio das seguintes etapas, que são sequências, mas também podem se sobrepor em alguns momentos: prevenção, mitigação, preparação, resposta, reestabelecimento e recuperação (BRASIL, 2012). Amaral, Loose e Girardi (2024, p.22) afirmam que: “No momento da eclosão de um desastre, é preciso dar respostas e muitas dificuldades se impõem ao trabalho jornalístico”, exigindo que a comunicação dos gestores do desastre seja ágil e efetiva.

Sob a perspectiva da comunicação de riscos, o foco não deve ser apenas o fornecimento de informações em mão única, mas o estabelecimento de canais que permitam trocas, o que é uma das possibilidades das redes sociais. Segundo Cozzi, 2024, p.68, tradução nossa), “é importante que as informações públicas fornecidas pelos órgãos responsáveis sejam precisas, oportunas – o que dizer, quando dizer – e sistemáticas”, de modo a colaborar com tomadas de decisão adequadas e conscientes.

É importante recordar que neste momento de ruptura com a normalidade, de forma ainda mais aguda, vive-se muitas incertezas. O cotidiano é tomado por urgências de diferentes ordens e há dificuldade em agir em um contexto que não mais é reconhecível. Amaral, Quevedo e Souza (2024, p.5) destacam: “O estampido da crise desorganiza o campo comunicacional. O tempo para tomada de decisões é menor, a comoção pública ganha espaço e as causas do acontecimento vão sendo entendidas por gotejamento”. Ao mesmo tempo, a demora ou ausência de comunicação gera vácuos informativos, que podem ser ocupados por oportunistas – e desencadear pânico, agravamento da crise e outros prejuízos.

Como sinalizam Victor e Sulaiman (GIRD+10, 2021, p.135), no contexto contemporâneo, a comunicação de riscos de desastre exige o uso de diferentes canais digitais: “Na sociedade em rede, intensamente conectada, é fundamental que a Defesa Civil esteja presente nas mídias sociais mais importantes, como Facebook, Instagram e

Twitter [...]”. Porém, a possibilidade de todos os usuários também serem fontes de informações, traz novos desafios: a de seleção acerca dos conteúdos relevantes e de outros que podem prejudicar a ação adequada diante de cenários de crise, como quando eclode um desastre. Logo, a preocupação com o combate à desinformação também se faz crucial quando falamos da circulação quase instantânea de mensagens via redes sociais.

Assim, seja pelo seu amplo uso social na contemporaneidade, seja pela agilidade em reportar informações, as redes sociais costumam ser muito utilizadas quando os desastres irrompem. A facilidade em distribuir imagens, vídeos e textos pelas redes é um dos pontos fortes desses canais. Kryvasheyeu et al. (2016) sublinham o potencial das mídias sociais - expressão mais ampla, mas que abarca as redes sociais - nessas situações, contribuindo para disseminação de informações e aumento da consciência acerca da emergência.

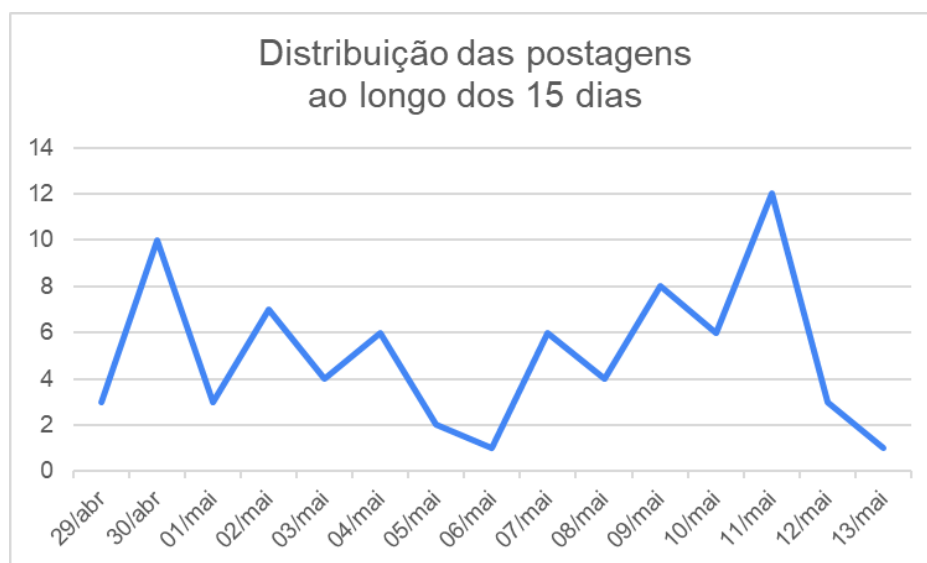
Apesar disso, nem sempre o que é comunicado nos perfis das redes sociais demonstra reverberar de forma efetiva. Amaral, Quevedo e Souza (2024) analisaram a comunicação da Defesa Civil de São Paulo, pelo antigo Twitter, no caso do desastre que ocorreu em São Sebastião, Litoral Norte, no Carnaval de 2023, e concluíram que:

As instituições públicas tiveram atuação muito protocolar e pouco adaptada à rede e as instituições midiáticas fizeram uma cobertura episódica detida no clímax do desastre. [...] O desastre foi considerado um evento e não um longo processo social sobre o qual já havia conhecimento produzido e a comunicação dos perfis analisados se destinou mais a uma divulgação do que estava ocorrendo para um público externo do que à população afetada (Amaral, Quevedo e Souza, 2024 p.18).

Vale destacar ainda as recomendações de especialistas (e.g. Pont-Sorribes et al., 2017) no sentido de atores institucionais mencionarem uns aos outros em suas comunicações, a fim de evitar orientações conflitantes e fazer uso político da gestão do desastre. Outros aspectos relevantes seriam usar conteúdo multimídia, divulgar contatos de assistência às vítimas e evitar linguagem técnica, de modo que todos compreendam logo o que está ocorrendo e como proceder.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Para entender como se deu a comunicação via Instagram realizada pela Defesa Civil Estadual durante a inundação que devastou o Rio Grande do Sul (destacando que, em muitos momentos, a instituição compartilhou mensagens de outras instituições, como Governo do Estado, Sala Situação RS, Defesa Civil Nacional, Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, Corpo de Bombeiros Militar RS, Liga dos Bombeiros Militares do Brasil, Secretaria de Segurança Pública RS, 3ª Divisão do Exército, Comando Militar do Sul, dentre outras), são analisadas, a partir de Análise de Conteúdo (Bardin, 2014), as postagens no Instagram no período de 29 de abril a 13 de maio de 2024. O gráfico a seguir mostra a distribuição das postagens ao longo dos 15 dias analisados:



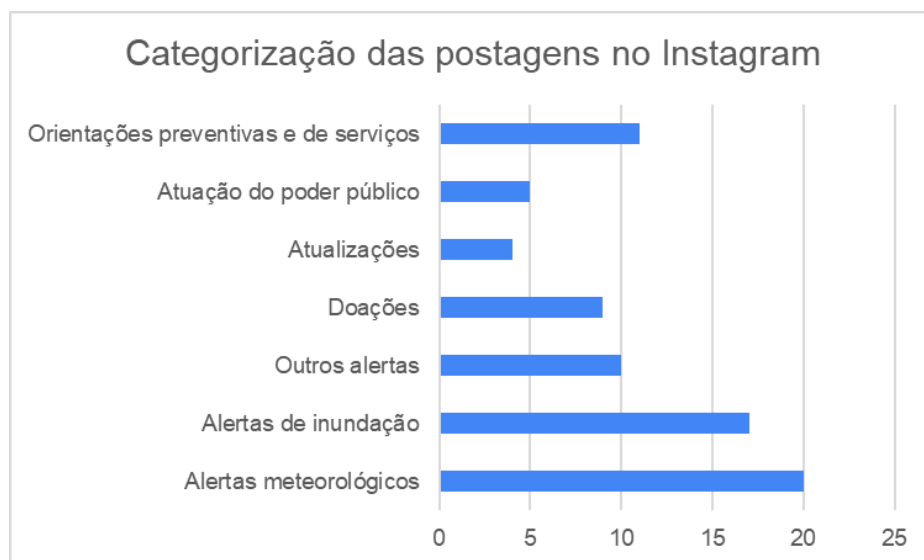
Fontes: As autoras (2025).

É possível visualizar a maior quantidade de postagens, sobretudo alertas, no dia 30 de abril (10), quando foram registradas as primeiras mortes e havia a previsão de piora no cenário, que se concretizou no dia 1º de maio. O outro pico, no dia 11 de maio, é quando, em meio à tragédia, há constatação de chuvas em várias localidades do Estado. Na tarde do dia 11, o Guaíba, localizado entre o Delta do Jacuí, e a Laguna dos Patos, havia atingido o menor nível desde o início da inundação, mas à noite voltou a subir.

Seguindo as diretrizes do método, após leitura flutuante das 76 postagens do corpus, foram criadas as seguintes categorias: 1) Alertas sobre as condições meteorológicas; 2) Alertas de inundação, relacionados ao nível das águas; 3) Outros alertas, como de evacuação e deslizamento de terra; 4) Atuação do poder público, por meio do gabinete de crise; 5) Atualizações das condições do desastre após os dias críticos (não são alertas); 6) Orientações sobre doações; 7) Orientações preventivas, como não subir drones, e de serviços associados à gestão do desastre, como recebimento dos alertas da defesa civil e acionamento de resgate.

Observamos que a maioria das postagens analisadas se concentraram nos alertas, mensagens que tratam de novos riscos em razão da iminência de uma ameaça. No caso do que ocorreu no RS, as inundações poderiam se agravar com a continuidade das chuvas e/ou com o aumento dos níveis dos cursos d'água, já que mesmo sem chuva, o escoamento de outras bacias poderia gerar inundação devido à geografia do território. Esse tipo de conteúdo corresponde a 61,8% do *corpus*.

O gráfico a seguir mostra a distribuição das postagens conforme a categorização exposta:



Fonte: As autoras (2025).

Os alertas iniciam no dia 29 de abril, apontando “áreas com risco meteorológico”, mas, com o passar dos dias, a linguagem das postagens vai se tornando mais próxima da população, com alertas para “chuvas fortes e persistentes, com riscos

de alagamentos e descargas elétricas” (post do dia 11 de maio). Isso não quer dizer que termos mais específicos não voltem a aparecer, mas há uma certa diversidade nos modos de dizer.

As demais categorias parecem ser todas voltadas para responder à desordem informativa, seja pelas orientações preventivas e de serviços, seja pelas atualizações da situação. Também postagens que apresentem de forma concreta o que está sendo feito (posts sobre a atuação do poder público, como no caso de resgates) e o que é necessário em cada dia, como é o caso das doações, são recorrentes.

Em razão das várias temporalidades de um desastre dessa envergadura, orientações expressas de evacuação de determinadas regiões dividem espaço com outras, que podem parecer mais vagas, chamadas como medidas preventivas: “observe o nível de subida da água, especialmente à noite” (informação que aparece no post de 30 de abril, por exemplo).

Logo, identificou-se que nesses primeiros 15 dias, o perfil da Defesa Civil do RS utilizou o Instagram como um canal de veiculação sistemática (uma média de três postagens por dia), no qual os alertas e as orientações para evitar mais perdas e danos foram o foco central, cumprindo com o que é esperado na fase de resposta emergencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto em outros estudos, quando o desastre eclode há uma desordem informativa bastante grande (Amaral, Loose e Girardi, 2024), que pode gerar prejuízos ainda maiores se não existir uma comunicação eficiente por parte dos gestores públicos responsáveis pela resposta. Identificamos que houve um esforço colaborativo das instituições que estavam atuando na resposta às inundações, usando ferramentas de colaboração durante as postagens do Instagram, que permitiram que, nesse ambiente, o compartilhamento das informações fosse ampliado, como recomenda Pont-Sorribes (2017).

Em razão da extensão temporal do desastre em análise, foi constatado que a comunicação da Defesa Civil do RS também se estendeu nessa etapa, apresentando uma comunicação responsiva à crise por um período mais longo. Isso se observa na explicitação de conteúdos que mesclaram a prestação de contas no gerenciamento do

desastre com alertas decorrentes de novas situações de risco ou agravamento dos já existentes.

Destacamos ainda a verificação de uma série de alertas e orientações, que, mesmo não contemplando todas as questões da população, puderam servir de subsídios para tomada de decisões, conforme Cozzi (2024) atribui o papel das instituições públicas. Os próximos passos desta pesquisa buscarão aprofundar as orientações apresentadas, assim como estender o período da amostra.

Agradecimento:

Ao estudante do curso de Jornalismo Alexandre Briozo Filho, que realizou parte da coleta de dados no âmbito do Programa de Iniciação Científica Voluntário da UFRGS.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F.; LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T.. **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. 1. ed. Santa Maria: Editora Facos, 2024.

AMARAL, M. F.; QUEVEDO, J.; SOUZA E. Evento climático extremo e vulnerabilidades: a comunicação de um desastre no Twitter. **Intexto**, n. 56, e-135975, 2024. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.135975>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2014.

BRASIL. Diagnóstico de capacidades e necessidades municipais em proteção e defesa civil: Brasil (Coord. V. Marchezini). Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/diagnostico-de-capacidades-e-necessidade-municipais-em-protecao-e-defesa-civil>>. Acesso em: 18/06/2025.

BRASIL. **Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012**. Brasília, DF. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12608.htm>. Acesso em: 25.01.2025.

COZZI, J. M. **Riesgos globales, respuestas locales**: Comunicación para la reducción del riesgo de desastre. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2024.

DIGITAL BRAZIL. Data Reportal, 2024. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>>. Acesso em: 15/05/2025.

DUARTE, J.. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GIRD+10. **Caderno Técnico de Gestão Integrada de Riscos de Desastres**. Samia Nascimento Sulaiman (coord.). Brasília, Ministério do Desenvolvimento Regional, Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, 2021.

HOOTSUITE. **Social Media Trends 2025**. Disponível em: https://hootsuite.widen.net/s/psc5swlkbh/hootsuitsocialtrends2025_report_en. Acesso em 28/01/2025.

KRYVASHEYEU, Y. et al. Rapid assessment of disaster damage using social media activity. **Science Advances**, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/sciadv.1500779>. Acesso em: 29/01/2025.

PONT-SORRIBES, C.; SUAÚ- GOMILA, G; MENDIZABAL, S.P.; NAVARRO, G. Comunicar en situaciones de emergencia: herramientas 2.0 y nuevos protocolos en la gestión eficiente de la emergencia. Barcelona: **Observatorio de la Comunicación Científica**, Universitat Pompeu Fabra, [2017?].

SORIANO, E.; HOFFMANN, W. A. M. A informação e o conhecimento no contexto da comunicação de risco de desastres naturais. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 37, n. 1, p. 110-123, 2015.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.